OUTRAS MULHERES MARCADAS NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: ATOS DE FALAS TRANSFÓBICOS E LESBIOFÓBICOS NO CIBERESPAÇO

Maria Andreane Leite Pires[1]

Jakson dos Santos Ribeiro[2]

INTRODUÇÃO

A pesquisa versa sobre a violência linguística sofrida por mulheres trans e lésbicas no ciberespaço. Nesse sentido, por meio da Netnografia, foram analisados os discursos de cunho transfóbico e lesbofóbico proferidos por internautas na seção de comentários das mídias digitais, mais especificamente a imprensa digital nas redes sociais, como instagram, twitter e facebook, no Nordeste entre 2005 a 2023

Ao selecionar mulheres trans e lésbicas, buscamos investigar como a LGBTfobia e a misoginia se entrelaçam e somam forças na opressão contra mulheres. Tal quadro é reflexo tanto do patriarcalismo, expresso na violência de gênero, que é um flagelo inserido nas vísceras da sociedade (Saffioti, 2004), quanto da cisheteronormatividade (Rosa, 2020), responsável por deslegitimar qualquer experiência que fuja das conjunturas sociais.

Sob essa perspectiva, partimos do pressuposto de que "atos de falas", ou seja, comentários nas mídias digitais, violentam simbolicamente essas mulheres. Outrossim, um conceito que perpassa a temática é justamente a violência linguística, entendida aqui como ato que "coloca o outro, especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade que não se quer habitar, num lugar vulnerável que acaba por insultar, injuriar ou violar a sua condição" (Silva, 2017, p.46).

Logo, nosso interesse é compreender como essa violência é praticada no ciberespaço, um ambiente virtual possibilitado pela internet onde ocorrem interações online que constroem realidades além da materialidade (Rebs, Ernst, 2017). Nesse espaço, o discurso de ódio disfarçado de liberdade de expressão ganha proporções inimagináveis que ferem a dignidade dessas mulheres.

Dessa forma, o trabalho tem o seu desenvolvimento guiado pelas seguintes perguntas norteadoras: De que modo mulheres trans e lésbicas são violentadas virtualmente? Quais as relações entre gênero e sexualidade? Como se configuram as vivências de mulheres trans e lésbicas?

Assim, o trabalho se justifica pela capacidade de contribuir com o diálogo, nos espaços acadêmicos e comunitários, sobre as questões de gênero, bem como de viabilizar uma sociedade que reprova comentários preconceituosos contra mulheres trans e lésbicas. Além disso, ela é importante por possibilitar a compreensão dos mecanismos que engendram a violência de gênero e a maneira como as diversas mídias produzem representações pejorativas de mulheres trans e lésbicas. Estas se constituem como as "outras faces femininas" que, por um fator interseccional, sofrem outras opressões que não acometem mulheres cis e héteros. Elas têm seus direitos desrespeitados, são invisibilizadas por não serem consideradas "genuinamente mulheres", e sofrem todo tipo de ataque nas redes sociais.

Dessarte, o conhecimento resultado da pesquisa pode ser um artifício para aperfeiçoar as ferramentas institucionais de combate a LGBTfobia, e superar essa visão estigmatizante

1 Discente do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão; Bolsista PIBIC/UEMA. E-mail: andreanepires@gmail.com.

2 Doutor em História Social, Professor Adjunto III da Universidade Estadual do Maranhão- CESC/UEMA. E-mail: noskcajzaionnel@gmail.com

que entende uma mulher trans ou lésbica como "menos mulher" e, portanto, menos digna de proteção. É preciso ampliar políticas que promovam a inclusão e a proteção de todas as mulheres.

METODOLOGIA

Como metodologia, acionamos a Netnografia, definida como uma etnografia adaptada que investiga as interações sociais no ciberespaço (Amaral, Natal, Viana, 2008). Adade, Barros e Costa (2018) entendem como um método qualitativo do campo da comunicação digital, que é resultado das inovações tecnológicas do século XXI. Esse processo criou um novo objeto de estudo: a internet, de onde será analisado o comportamento dos indivíduos e da coletividade, e quais os fenômenos se originam desses ambientes virtuais.

Ela é uma técnica interdisciplinar com outras áreas do conhecimento humano, tais quais a sociologia e a antropologia, dado que a história sozinha não é capaz de dar conta de todas as temáticas, conferindo e este estudo, um ponto positivo.

Com suporte dos teóricos selecionados, defendemos que a pesquisa etnográfica virtual possibilita que os artefatos da mídia sirvam como fonte, que é o caso do presente trabalho, o qual consiste em olhar para os casos de transfobia e lesbofobia nas mídias. No ato da pesquisa, foi utilizado as ferramentas do Google para filtrar os dados, como área de pesquisa avançada, que permite escolher o período dos resultados. Como palavras-chave, foram utilizados diversos termos, tais quais "trans"; "lésbica"; "Nordeste" (ou os estados, como "Maranhão"); "instagram"; "youtube"; "facebook"; e nomes de portais de notícia, como "G1", "Imirante", e vários outros. A intenção era achar "posts" (publicações, postagens) nas redes sociais desses jornais que falassem sobre essas mulheres, e seguir na seção de comentários, atentando para os tipos de discursos.

Dessa maneira, os procedimentos metodológicos selecionados são a pesquisa aplicada, descritiva, bibliográfica e documental. Aqui se destaca a revisão bibliográfica, que rodeia toda a pesquisa através de autores relevantes para cada subtema.

A netnografia aqui utilizada foi firmada na busca pela internet, basicamente organizada em duas etapas: a pesquisa bibliográfica em repositórios institucionais disponíveis na plataforma do Google Acadêmico, que fundamentou o alicerce teórico; e a análise dos comentários transfóbicos e lesbofóbicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Orientação sexual e identidade de gênero

É necessário pontuar que sexualidade não é necessariamente orientação sexual, mas sim uma das formas de sua manifestação. A primeira é construção social, a segunda está relacionada com desejo e atração afetiva sexual. Entretanto, nem todo tipo de amor é aceito socialmente, em razão da heteronormatividade.

Retomando o argumento acima, orientação sexual não se trata de construção social, pois na verdade ela é uma expressão da subjetividade de cada indivíduo, como declara Weeks

> [...] nós não experimentamos nossas necessidades e desejos sexuais como acidentais ou como produtos da sociedade. Eles estão profundamente entranhados em nós como indivíduos. Isso não significa que eles não possam ser explicados socialmente [...] os sentidos que damos a nossos corpos e suas possibilidades sexuais tornam-se, de fato, uma parte vital de nossa formação individual, sejam quais forem as explicações sociais. (Weeks, 2010, p.33)

Por isso, nos apoiamos em Tatiana Carvalho (2018) para aferirmos que não é adequado se referir a "orientação" como "opção", pois "não é algo que se pode escolher, mas que faz parte da constituição do indivíduo, dentro de seu contexto social e histórico" (Carvalho, 2018, p.34).

Não obstante, como Weeks pondera na citação acima, apesar da orientação sexual não ser produto da sociedade, ela ainda pode ser analisada socialmente, isso porque os sentidos e as categorias criadas para falar sobre o assunto — como "heterossexual" e "homossexual", por exemplo— são extratos sociais, e isso sim é uma construção que parte de discursos.

Todas essas reflexões movimentam-se em torno da chamada Teoria Queer, oriunda do pós-estruturalismo e provocadora de uma "reviravolta epistemológica", nos termos de Guacira Louro (2001). Para ela, "queer" significa "estranho" e foi utilizado como uma ofensa a pessoas homossexuais, mas fora ressignificado pela comunidade como um símbolo de resistência contra a heteronormatividade. Como pontua a autora: "a teoria queer permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação." (Louro, 2001, p 550). Ela é, em vista disso, uma teoria transformadora que colocou gênero e sexualidade em um espaço de discussão intelectual capaz de modificar as convenções sociais.

Ser mulher trans e ser mulher lésbica

Na ótica de Ana Colling (2014), o corpo feminino é um texto histórico. Nesse contexto, não é exagero dizer que não existe uma natureza feminina ou a verdadeira mulher, pois estes são conceitos criados nas relações de poder e de hierarquia. Por esse motivo, a pesquisa compreende as mulheres trans como mulheres legítimas, em consonância com os autores citados.

Cabe aqui tentar elencar as distinções entre os "3 T" da sigla LGBT, que se referem às categorias transgênero, travesti e transexual. De forma geral, transgênero é o indivíduo que não se identifica com o sexo imposto no nascimento, e isso inclui transexual e travesti. Enquanto transexual pode ser mulher e homem, travestis são identidades femininas, portanto é sempre "a" travesti. Convencionou-se acreditar que a diferença entre as duas seria por questões de cirurgias de readequação sexual. Nessa perspectiva, pessoas transexuais seriam aquelas que passam por disforia e desejam mudar cirurgicamente a genitália, passando pelo processo de transição. Já as travestis não estariam buscando por essa mudança corporal. Essa noção não é mais adequada porque não é uma regra geral, haja vista que nem sempre uma mulher transexual tem interesse nessas mudanças fisiológicas, e vice-versa.

Na verdade, a identidade de uma travesti é tão feminina quanto a de uma mulher trans, a diferença está em como elas se sentem e se identificam, seja transexual ou travesti. No entanto, há também uma distinção na forma que elas são vistas e tratadas socialmente. Historicamente, travestis carregam um estigma a mais se comparadas com mulheres trans, isso porque elas são associadas à prostituição devido à vida marginalizada que as colocam em estado de vulnerabilidade

> A associação da prostituição à identidade travesti também aparece inserida numa distinção entre modelos de feminilidade. Enquanto as travestis são as "ousadas" que demonstram uma "feminilidade pombagira", as transexuais representariam uma "feminilidade burguesa" recatada e delicada. Outra distinção, também com base na prostituição, aparece: o corpo. Apesar de os processos de transformação corporal de travestis serem muitas vezes compartilhados por transexuais, estas, possivelmente devido ao maior grau relativo de medicalização, parecem construir seus corpos dentro de um modelo mais próximo do que julgam "natural". Por outro lado, as transformações corporais de travestis, comumente julgadas como exageradas, parecem ser requisitos profissionais para a prostituição (Carvalho, 2018, p. 13)

Como revela Marcos Junior (2024), há uma pressão para que todas as mulheres trans busquem pela suposta feminilidade e se tornem "passáveis", ou seja, a "capacidade de transitar pela sociedade sem que sua identidade de gênero (e performance) seja questionada e no limite marginalizada" (Júnior, 2024, p. 21).

Não há como definir rigorosamente o que é ser transexual e transgênero, pois este é um tópico fluído em constante reflexão pelo próprio grupo e "os usos políticos delas são múltiplos e imprevisíveis". (Carvalho, 2018, p.23). O fato é que mulheres trans e travestis compartilham experiências subalternas e violentas, e é necessário que sejamos aliados nesta luta.

Agora partindo para a vivência de mulheres lésbicas, sabemos que historicamente o corpo feminino é controlado e transformado em um objeto sexual acessado somente por homens. Vale destacar que mulheres lésbicas sofreram com o estigma de serem "uma espécie de homem castrado, uma degeneração da ordem natural dos sexos" (Morais, 2019, p.63). Monique Wittig defendia que a mulher lésbica não era mulher justamente porque a construção de "ser mulher" está diretamente ligada à dominação masculina e à heterossexualidade. Ela foi crucial para o pensamento do lesbianismo, compreendendo-o como um ato político revolucionário que liberta as mulheres da propriedade masculina.

Compreendemos que a heterossexualidade não é escolha e sim uma imposição, um sistema compulsório arraigado no patriarcalismo que controla corpo e sexualidade feminina. A luta para se libertar desse cativeiro foi difícil, até porque mulheres lésbicas eram excluídas do movimento feminista, e não se sentiam parte da luta, mas os recentes revisionismos buscam abraçar todas.

Adrienne Rich (2010) foi visceral ao criar os conceitos "existência lésbica" e "continuum lésbico" que agora fazem parte do arcabouço teórico sobre sexualidade. O primeiro atenta para o reconhecimento da própria existência de mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres. É por si só uma existência 'desviante" que emana o "ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres[...] uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência (Rich, 2010, p. 36)

Na concepção dessa intelectual norte-americana, ser lésbica não pode ser visto simplesmente como uma versão da homossexualidade masculina apenas porque ambas são orientações sexuais oprimidas. Cada uma tem sua particularidade e enfrenta diferentes tensões.

O continuum lésbico, por sua vez, representa todas as formas de relações afetivas entre mulheres, desde a maternidade, amizade e relacionamento amoroso. Nessa dinâmica, todas as mulheres – incluindo não lésbicas – estão envolvidas nesse continuum, que se sustenta no amparo e no fortalecimento umas com as outras. Resumidamente, ele envolve uma rede de companheirismo e um elo mútuo entre mulheres, que é a própria ideia de sororidade, embora Rich não tenha usado essa palavra para defini-lo:

> Entendo que o termo continuum lésbico possa incluir um conjunto – ao longo da vida de cada mulher e através da história – de experiências de identificação da mulher, não simplesmente o ato de que uma mulher tivesse alguma vez tido ou conscientemente tivesse desejado uma experiência sexual genital com outra mulher. Se nós ampliamos isso a fim de abarcar muito mais formas de intensidade primária entre mulheres, inclusive o compartilhamento de uma vida interior mais rica, um vínculo contra a tirania masculina, o dar e receber de apoio prático e político (Rich, 2010, p. 35)

Convém enfatizar que mulheres trans e lésbicas sofrem todo tipo de violência, seja física ou discriminação verbal e simbólica. A transfobia e a lesbofobia são uma realidade cruel que matam expressivamente, ainda mais quando essas mulheres são etnicamente marginalizadas. O número de morte de lésbicas e trans negras, por exemplo, é ainda mais alarmante. A cisheteronormatividade, como aponta Rosa (2020) atua como instituição total de disciplinamento dos corpos, modelando a subjetividade de cada sujeito por meio da punição moral e discriminação social.

Análise dos comentários

Antes de analisar os discursos direcionados a mulheres trans e lésbicas, é importante retomar o conceito de ciberespaço, elemento inédito do século XX. Para Monteiro e Pickler (2011), ele é

> [..] um ambiente que nos permite inúmeras possibilidades de mundo "real". É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires. O ciberespaço, enfim, é uma grande máquina abstrata, porque semiótica, mas também social, onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e, sobretudo, novos agenciamentos cognitivos. (Monteiro, 2007, p.1)

A contemporaneidade está envolvida na cibercultura, em uma experiência virtual que construiu bases sólidas de uma realidade. Nesse contexto, as sociabilidades dentro nesse espaço se tornaram quase que essenciais à essa modernidade. Nas redes sociais se produzem fatos históricos, fenômenos que atingem milhares de pessoas, positiva ou negativamente. Por isso, entendemos a seção de comentários em posts dessas redes como uma fonte de pesquisa, um gênero digital emergente que promove interações e comunicação instantânea (Silva, 2017)

Dialogando com Charaudeu (2013), a imprensa e a mídia transmitem, ou melhor, criam uma realidade social e representações linguísticas, o que entendemos por discurso. Elas exercem forte influência na formação da opinião pública e dos sujeitos individualmente, de modo que publicar notícias não tem somente a função de informar, mas também de defender alguma ideologia, que afeta profundamente a forma como as pessoas agem em sociedade (Charaudeu, 2013).

Essas mídias são transmitidas no ciberespaço, que é onde a violência linguística ocorre. Danilo Silva (2017) reitera que "o dizer também violenta". Então, os atos de fala em comentários e o fácil acesso a essas redes são elementos que constituem a transfobia e a lesbofobia no ciberespaço. Quem as pratica são os internautas que comentam as publicações da imprensa digital, e esse é precisamente o objeto de análise aqui proposto.

Nesse momento, convém explicitar como se deu o processo de coleta e análise dos dados, no intuito de enfatizar a metodologia e as técnicas de interpretação, nesse caso a Análise de conteúdo (A.C) de Bardin (2016). Seguimos o modelo da A.C para estruturar as fases de desenvolvimento, que se resumem em: pré-análise, quando foi organizado o material, selecionando os comentários por meio da leitura flutuante; exploração do material, que é o estágio de categorização dos tipos de comentários transfóbicos e lesbofóbicos encontrados, buscando compreender o que os motivam; e tratamento dos resultados, cuja pretensão foi refletir criticamente sobre os comentários, tentando relacionar as considerações postuladas com a literatura utilizada.

Os posts analisados são especificamente de portais de notícia que relatam algum assunto referente às mulheres trans e lésbicas. Esses relatos não se limitam apenas aos episódios violentos, mas qualquer tipo de publicação que as mencione.

É importante informar que existem sites oficiais desses noticiários, porém há pouquíssimos casos em que os internautas comentaram sobre a matéria na própria página do site. Em decorrência desse fator, optamos pelas redes sociais, porque nelas as publicações são bastante comentadas.

Foram coletados no total 59 (cinquenta e nove) comentários distribuídos em 12 (doze) postagens dos portais de notícia via facebook e youtube, com 6 publicações para cada plataforma, totalizando as 12. Foram, portanto, 6 matérias de comentários transfóbicos (com 30 comentários) e também 6 de lesbofóbicos (com 29 comentários). A seleção seguiu uma amostragem intencional, priorizando publicações que apresentavam maior quantidade de comentários.

Importante pontuar que a quantidade de comentários em cada publicação é diversa, desse modo algumas delas possuem um número mais expressivo de comentários, chegando a 18. Outras são mais escassas, como por exemplos os casos que contavam com apenas um comentário de caráter transfóbico ou lesbofóbico. Logo, o número de comentários é superior ao total de matérias.

Um desafio dentro da pesquisa foi encontrar casos que se adequassem a todos esses critérios de escolha: ser uma postagem referente a mulheres trans e lésbicas; ser uma postagem publicada em mídias digitais; ser propagada por um portal de notícia dos 9 estados nordestinos; possuir comentários negativos sobre os sujeitos pesquisados; estarem inseridos no recorte temporal entre 2005 e 2023.

O período de análise é um ponto a ser relatado também, dado a popularidade das mídias digitais ter sido instaurado por volta de 2007 em diante, já que o facebook, a mídia digital mais antiga que está ativa até hoje, só chegou ao Brasil nesse ano. Sendo assim, não encontramos comentários transfóbicos ou lesbofóbicos no período de 2005 a 2015, o que não significa que sejam inexistentes, apenas que a pesquisa não conseguiu alcançá-los.

Outra questão foi a impossibilidade de encontrar matérias em cada estado, de modo que Rio Grande do Norte e Sergipe não se fizeram presentes na análise.

Tabela 1 - Coleta dos comentários

Coleta dos comentários	
Número total de comentários com teor lesbofóbico	29
Número total de comentários com teor transfóbico	30
Total de comentários	59

Fonte: Autor, 2025

Tabela 2 - Jornais com comentários transfóbicos

Nome do portal de notícia (quantidade de matérias veiculadas nele)	**O estado nordestino de origem**
Diário de Pernambuco (1)	Pernambuco
Diário do Nordeste (2)	Ceará
Imirante (1)	Maranhão
GCMAIS (1)	Ceará
TV Norte Paraíba (1)	Paraíba
Nome dos portais de notícia com comentários lesbofóbicos	
Portal Meio Norte (1)	Piauí
Diário de Pernambuco (1)	Pernambuco
TV OOPS (1)	Alagoas
Jornal Correio (1)	Bahia
TV Pajuçara (1)	Alagoas
TVE Bahia (1)	Bahia
Total de portais de notícias do Nordeste	10

Fonte: Autor, 2025

Em relação a análise dos comentários, foram adotadas algumas atitudes que direcionaram as ponderações. Primeiro, optamos por manter a identidade dos usuários praticantes desses enunciados preconceituosos em anonimato, tanto porque eles não estariam cientes do uso de seus nomes e imagens, e consequentemente não consentiram com a pesquisa. Segundo, porque nos comprometemos a valorizar a ética. Apesar do estudo ter como um de seus objetivos denunciar essas falas descriminatórias e que desrespeitam mulheres trans e lésbicas, o sigilo será mantido.

Outra postura que assumimos quanto aos comentários foi mantê-los exatamente como estão sem alterar nada, até mesmo os erros gramaticais cometidos pelos internautas, uma vez que a integridade da fonte é importante para uma análise mais genuína possível.

Abaixo seguem duas tabelas, um dos comentários transfóbicos e a outra dos lesbofóbicos. Além dos comentários, nelas se encontram informações como o título da matéria selecionada, o portal de notícia, o ano de publicação e um link para acesso e leitura. Convém informar que foram selecionados aqueles mais impactantes.

Tabela 2 - Matérias e comentários transfóbicos

Matéria 1: "Lorena nasceu Guilherme" (Diário de Pernambuco, 2016, link para acesso)
Comentário 1 - Desculpe, mas... "Lorena nasceu Guilherme?" isso não é no mínimo contraditório?! com todo respeito a escolha do rapaz do que faz ele mais feliz, mas Guilherme, nasceu guilherme! foi opção dele ter escolhido ser Lorena. Mas "nascer Lorena" é querer forçar um "pouco" (demais) a barra.
Matéria 2: Transexual cearense encontrada morta na Itália pagava plano de saúde, faculdade e escola de parentes (Diário do Nordeste, 2025, link para acesso)
Comentário 1: É os riscos de quem vive nessa vida, que DEUS o tenha
Matéria 3: Influenciadora maranhense Alexia Brito, a Bota Pó, fala sobre transição de gênero (Imirante, 2023, link)
Comentário 1: Tomara que vc não enfluencie meus filhos Satanás
Matéria 4: Dois suspeitos de matar travesti são presos em Paracuru (GCMAIS, 2021, link)
Comentário 1: Na maioria das vezes a morte deles é por tretas, eles tbm são homens tbm aprontam
Matéria 5: Travesti é espancada até a morte no Ceará (Diário do Nordeste, 2017, link)
Comentário 1: A verdade é, sou totalmente contrário a qualquer tipo de violência. Porém, mesmo diante de uma barbaridade como esta, não se pode afirmar que ele morreu apenas por ser um travesti. Quem mora na periferia sabe o quanto que tem de homossexuais envolvidos no mundo da criminalidade.
Matéria 6: Travesti é presa suspeita de roubo na capital (TV Norte Paraíba, 2023, link)
Comentário 1: Esse "pessoal " apresenta uns trejeitos exagerados, tudo prá " chamar a atenção " , principalmente os que não " tem condições financeiras " pois , os que têm, apresentam aparências delicadas , se comportam com naturalidade, bem vestidos , perfumados, sabem dialogar...

Fonte: Autor, 2025

Tabela 3 - Matérias e comentários de lesbofóbicos

Matéria 1: Agressão lésbica Pádua (Portal Meio Norte, 2015, link para acesso) **Comentário 1:** Briga de macho, é assim mesmo, macho que é macho resolve no braço e tá tudo certo.
Matéria 3: Casal lésbico é vítima de homofobia e sofre tentativa de estupro em Craíbas (2019, TV OOPS, link para acesso) **Comentário 1**: Tem gue dar um coro
Matéria 4: Bruna Bastos, é sapatona negra e artivista, moradora de Fazenda Grande do Retiro cursa o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UFBA. (Jorna Correio, 2020, link para acesso) **Comentário 1:** A turma da lacração não se dá. Grande merda. Isso é matéria ?
Matéria 5: Santana do Ipanema: Mulher denuncia que foi agredida por ser lésbica (TV Pajuçara, 2022, link para acesso) **Comentário 1:** Gente E a turma da lacracao... pronto e acabou.
Matéria 6: O combate à lesbofobia e a importância da visibilidade lésbica | Michele Seixas no Giro Nordeste (TVE Bahia, 2023, link para acesso) **Comentário 1** - Há muito tempo atrás a TVe dava importância aos assuntos educacionais e culturais familiar tempos que instruiam as famílias a preservar seus valores, hoje não..assuntos que não enteressam a família tradicional são colocados em pauta nada a ver com as raízes familiares..Pena.

Fonte: Autor, 2025

Nesse momento, selecionamos quatro matérias para análise, duas de comentários transfóbicos, e duas de comentários lesbofóbicos.

A Matéria 1 mostra o relato de Lorena, uma mulher trans que precisou abdicar de sua identidade de gênero para conseguir um trabalho digno, uma vez que o mercado de trabalho é cruel para elas. Ela tentou a prostituição, mas viu o quanto era uma situação de vulnerabilidade e humilhação constante. A reportagem mostra o quanto essa imposição cis é hostil. Os comentários são extensos e problemáticos, ferindo a identidade de Lorena, a qual muitos alegam ser "uma opção que ela escolheu", aliás nem o pronome "ela" é respeitado. Outros argumentam com o uso da biologia, afirmando que ela jamais será Lorena por sua genitália, equiparando assim gênero ao sexo. Lorena é condenada por ter uma "alma que vive aprisionado pelo pecado", como disse um internauta, reverberando a ótica de dogmas religiosos. São acionados diversos insultos a ela, nojo e desprezo, como se fosse uma alguém socialmente indesejável. Alguns ficam felizes por ela ter "cedido", mesmo que em seu tom de voz e nas expressões faciais, seja óbvio o quanto isso a afeta.

A segunda matéria relata o assassinato a facadas de Manuela de Cássia, conhecida por ganhar o Miss Pantera Gay em 1997 e ter se apresentado no programa de TV do Raul Gil. Há uma série de comentários que lamentam sua morte, mas observamos 3 deles que, de certa forma, a culpabilizam pela sua própria morte, como se ela merecesse tal fim devido a um suposto envolvimento com uso de químicos. Um deles chega a usar palavras de baixo calão para ofender sua atuação como profissional do sexo.

A terceira matéria dá visibilidade a transição de gênero da influenciadora de Bacabal (MA), Alexia Brito conhecida como "Bota Pó", um apelido que diz respeito a seu gosto pela maquiagem. Ela relata seu processo de aceitação enquanto mulher, de como sofreu quando professores faziam a frequência na escola e a chamavam pelo nome masculino de batismo. Na seção de comentários, um usuário a chama de satanás e diz que se preocupa com a influência dela sobre seus filhos, uma expressão clássica da transfobia.

A matéria 4 noticia o assassinato de uma travesti. Um aspecto positivo é que na reportagem o jornalista afirma que se trata de um caso de transfobia. Ao descer para visualizar

os comentários, coletamos dois que usam o pronome "ele", culpabilizam a vítima, como se ela tivesse merecido a morte. Além disso, uma pessoa afirma que não foi um caso de "homofobia", o que mostra um descaso sobre a letalidade da transfobia.

A matéria 5 retrata o assassinato de Dandara dos Santos, brutalmente assassinada por transfobia. O Diário do Nordeste utiliza de um desenho bastante chocante, com Dandara no chão escorrendo sangue, por onde está escrito a palavra "intolerância". A maioria dos comentários se referem a ela com pronome masculino ou então ironizam. Muitos internautas tentam justificar a sua morte cruel, uma vez que a acusam de ter sido morta porque tinha dívidas de drogas. Houve toda uma discussão sobre como todos os dias morrem pessoas ditas "normais" no brasil e a mídia não repercute. Nas entrelinhas, se percebe uma resistência de aceitar que mulheres trans morrem por serem trans, mesmo que no vídeo de sua morte, os assassinos a ofendem por ser quem é, bem como a ridicularizam por estar usando calcinha. Até depois de lhe arrancarem a vida, Dandara continua sendo agredida pelas mais diversas difamações que questionam o seu caráter.

A última matéria é sobre uma travesti acusada de roubo. A todo momento, na própria reportagem a chamam pelo nome masculino. Já nos comentários, a chamam de satanás e desaprovam comportamentos supostamente "extravagantes" da travesti, sendo uma forma de ofendê-la por suas características.

A primeira matéria com comentários lesbofóbicos publicada pelo Portal Meio Norte em 2015, contempla o caso de uma mulher lésbica que sofreu agressão do cunhado. Nos comentários, muitos a ofendem devido à sua performance de gênero "masculinizada", a chamam de "macho", deslegitimando a violência contra mulher. Também declaram que sua escolha foi errada, pois "gente assim" - como disse uma comentadora - não tem salvação perante os moldes cristãos.

A segunda foi publicada pelo Diário de Pernambuco em 2016. A LGBTfobia já pode ser percebida no título da matéria, pois o autor sugere que uma mulher conquistou o cargo de prefeita sem apelar para o movimento. No conjunto de comentários, os internautas discutiam sobre o vitimismo de gays e lésbicas, do qual a prefeita supostamente não adotara. Muitos a parabenizam por esse ato, pois, segundo eles, ela não precisou de uma pauta como esta para vencer. Nas entrelinhas desse discurso, está o preconceito velado, já que muitos acusam a comunidade LGBTQIAPN+ de vitimismo. Como falas lesbofóbicas, observou-se a condenação da orientação sexual da prefeita, nesse caso chamada por muitos comentadores de "opção sexual". 3 comentários usam o discurso religioso para propagar o ódio, afirmando que ser lésbica é um pecado e que duas mulheres não geram filhos. Um comentário usa a expressão "eca" para demostrar a repulsa perante o lesbianismo, além fazer alusão a ex-presidenta Dilma Rousseff, que segundo o autor, também era lésbica e, na sua concepção, teria destruído o país justamente por isso. Na tentativa de irem em defesa dela, acabam equiparando a sua sexualidade com algo ruim. A maioria dos comentários são de elogios a prefeita, mas expressam lgbtfobia. Ao tentarem se defender contra críticas, os internautas alegam terem amigos ou familiares homossexuais, como se isso os livrassem da responsabilidade.

A terceira matéria narra o crime de invasão de domicílio, espancamento e homofobia contra um casal lésbico. As mulheres denunciam que o delegado não deu muita atenção sobre o pedido de medida protetiva. Há um comentário que diz "Tem gue dar um coro". Apesar do erro gramatical, é possível perceber que o autor sugere que o casal deve sofrer violência.

A quarta matéria propaga um evento de debate sobre a parada gay na Bahia, onde uma acadêmica e ativista lésbica foi convidada para debater sobre o assunto. O uso da palavra "sapatona" é utilizado pela matéria, sendo uma forma de resistir a lesbofobia através de termos do opressor, ou seja, um termo pejorativo foi ressignificado. A lesbofobia nos comentários é expressiva, especialmente pela patologização da mulher lésbica, chamada de "doente mental".

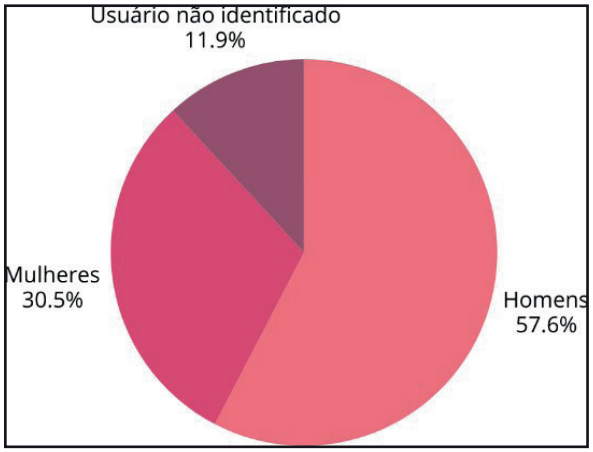
A penúltima matéria expõe a violência sofrida por uma mulher lésbica agredida por um homem que não a aceitava em um estabelecimento. Há um comentário com um elemento

visual (emojis) que significa nojo. E também um comentário típico dos setores conservadores, no caso a expressão "mimimi" para expressar que a mulher lésbica foi vitimista.

Na última matéria, a TVE Bahia anuncia uma conversa com uma ativista sobre a visibilidade lésbica. Coletamos um comentário reprovando o portal por trazer notícias que supostamente são um perigo para a família tradicional. Sabe-se que se trata de mais um mecanismo lesbofóbico.

Um dado importante que concluímos é que a maioria dos enunciados transfóbicos/lesbofóbicos são proferidos por homens, seguido por mulheres e usuários não identificados.

Figura 1 - Internautas produtores dos comentários.



Fonte: Elaborada pela bolsista através da plataforma de design gráfico Canva.

Com essa análise, é perceptível que a transfobia e lesbofobia em comentários de redes sociais evidencia a necessidade da internet ser regularizada legalmente, ela não pode ser "uma terra de ninguém". São inúmeros casos de crimes cibernéticos que permanecem na impunidade, pois as pessoas se sentem livre para distribuírem suas opiniões preconceituosas, já que não temem a consequência de seus atos.

Mesmo que em 2018 tenha sido aprovado a Lei Lola (Lei 13.642/2018), cuja funcionalidade é investigar crimes de misoginia na internet, a prática de desrespeito aos direitos humanos no ciberespaço continua sendo real. Indivíduos transfóbicos e lesbofóbicos - em sua maioria homens, mas não somente – usam de justificativas religiosas para propagarem discurso de ódio, perpetuando os princípios conservadores da extrema direita.

CONCLUSÃO

A jornada da pesquisa elucida que os atos de falas transfóbicos e lesbofóbicos são uma realidade frequente que se desenvolve no ciberespaço, mais precisamente em portais jornalísticos via redes sociais. À vista disso, as questões de gênero entrelaçadas com a sexualidade apontam para as violências sofridas por mulheres trans, que veem seus corpos sendo discriminados e violentados.

A coleta de dados, por meio da pesquisa bibliográfica colaborou para a fundamentação teórica, juntamente com os bancos de dados sobre a morte dessas mulheres. Posteriormente, nos lançamos sobre as matérias e os comentários. Observamos que, parte das matérias analisadas promovem discursos que podem reforçar a transfobia e a lesbofobia, pois os títulos impulsionam os leitores a pensarem de modo preconceituoso. No que diz respeito aos tipos de comentários, é importante afirmar que nem todos eram LGBTfóbicos, inclusive havia sim a presença de pessoas com pensamentos progressistas que até discutiam com os conservadores.

De fato, os comentários permitem interações entre os indivíduos e servem como um espaço de perpetuação do pensamento de cada internauta. Todavia, os instrumentos legais disponíveis na legislação para impedir tais atos que ferem a dignidade, ainda são limitados. Nos recentes acontecimentos a nível mundial, foi observado que comportamentos virtuais agressivos estão cada vez mais sendo flexibilizados. Nesse contexto social, a transfobia e a lesbofobia tendem a aumentar sem nenhum tipo de regulamentação.

A linguagem na imprensa e nesses comentários está longe de ser neutra, eles na verdade naturalizam o inaceitável. São mecanismos que ferem profundamente essas mulheres. E é justamente por isso que a pesquisa se faz tão importante, pois colabora com a disseminação do conhecimento para alcançar mudanças políticas no âmbito social.

Portanto, os comentários expressam valores sobre a sociedade tradicional brasileira, que prega um conservadorismo religioso. As mídias digitais se configuram como espaços que reproduzem a discriminação, o que revela violências simbólicas, reforçando papéis de gênero. Isso é sustentado porque os indivíduos se sentem protegidos pelo anonimato. Nessa ótica, tentamos através de um olhar crítico do conteúdo de tais comentários, denunciar tais "atos de falas", de modo a alcançar uma sociedade menos misógina, transfóbica e lesbofóbica.

Uma limitação do estudo foi o período de análise, pois como a popularidade das mídias digitais foi instaurada por volta de 2007 em diante, já que o facebook, a mídia digital mais antiga que está ativa até hoje, só chegou ao Brasil naquele ano. Sendo assim, não encontramos comentários transfóbicos ou lesbofóbicos no período de 2005 a 2015, o que não significa que sejam inexistentes, apenas que a pesquisa não conseguiu alcançá-los.

Os possíveis caminhos futuros imaginados na pesquisa são uma maior divulgação científica através de publicações de artigos e diálogo em espaços de educação. Além disso, pode-se pensar na criação de grupos de estudo dentro da universidade para alcançar mais pessoas, inclusive mulheres trans e lésbicas que podem ser convocadas para falarem sobre suas experiências.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a UEMA (Campus Caxias) pela oportunidade de participar dessa pesquisa científica, bem como a FAPEMA pelo financiamento e concessão de bolsa. E ao meu orientador Jakson dos Santos Ribeiro que esteve sempre esteve presente no desenvolvimento do projeto.

REFERÊNCIAS

ADADE, R. D.; BARROS, D. F.; COSTA, A. S. M. **A netnografia e a análise de discurso mediada por computador (ADMC) como alternativas metodológicas para investigação de fenômenos da administração**. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, v. 13, n. 1, p. 86-104, 2017.

AGRESSÃO lésbica Pádua. *Portal Meio Norte*, Piauí, 12 fev. 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8qFI9posaGU&ab_channel=PortalMeioNorte. Acesso em: 2 dez. 2024.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. *Sessões do Imaginário*, v. 13, n. 20, p. 34-40, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRUNA Bastos é sapatona negra e ativista, moradora de Fazenda Grande do Retiro cursa o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na UFBA. *Jornal Correio*, Bahia, 30 nov. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.

php?fbid=4244450375569422&id=287321157949050&set=a.293894843958348. Acesso em: 19 jul. 2025.

CARVALHO, Mario. **"Travesti", "mulher transexual", "homem trans" e "não binário": interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas**. *Cadernos Pagu*, p. 185-211, 2018.

CARVALHO, Tatiana. **Professoras lésbicas na educação básica de São Paulo: rupturas e construção de visibilidades**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Sociologia da Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CASAL lésbico é vítima de homofobia e sofre tentativa de estupro em Craíbas. *TV OOPS*, Alagoas, 3 jul. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=t_eiHuTLhEU&ab_channel=TVOOPS. Acesso em: 2 jul. 2025.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

COLLING, Ana Maria. **A construção histórica do corpo feminino**. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 1981-3082, 2015.

DOIS suspeitos de matar travesti são presos em Paracuru. *GCMAIS*, Ceará, 9 jun. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MM30yxWAzf0&ab_channel=GCMAIS. Acesso em: 16 jun. 2025.

FREITAS, Cinthia. **Transexual cearense encontrada morta na Itália pagava plano de saúde, faculdade e escola de parentes.** *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 21 jul. 2020. Disponível em: https://www.facebook.com/diariodonordeste/posts/manuela-de-c%C3%A1ssia-foi-miss-pantera-gay-em-1997-e-tamb%C3%A9m-se-apresentou-artisticam/4194347580607125/. Acesso em: 7 mar. 2025.

INFLUENCIADORA maranhense Alexia Brito, a Bota Pó, fala sobre transição de gênero. *Imirante*, São Luís, 9 jun. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tbDt-a6Ikm8&ab_channel=Imirante. Acesso em: 17 mar. 2025.

LESSA, P. **O feminismo-lesbiano em Monique Wittig**. *Revista Ártemis*, v. 7, n. 7, p. 96-100, 2007.

LORENA nasceu Guilherme. *Diário de Pernambuco*, Recife, 11 nov. 2015. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=1033157726707629. Acesso em: 4 jun. 2025.

MONTEIRO, Silvana Drumond; PICKLER, Maria Elisa Valentim. **O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito**. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 8, n. 3, jun. 2007.

MORAIS, B. de L. **Corpos profanos: rascunhos sobre a heterossexualidade compulsória e um feminismo lésbico**. *Revista Textos Graduados*, v. 3, n. 1, p. 60-65, 2019.

MULHER, lésbica e agora prefeita: Rênya Medeiros, 37 anos, venceu eleição em Passira, por 116 votos, mas não utilizou a bandeira LGBT na disputa. *Diário de Pernambuco*, Recife, 22 out. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/jornaldiariodepernambuco/posts/r%C3%AAnya-medeiros-37-anos-venceu-elei%C3%A7%C3%A3o-em-passira-por-116-votos-mas-n%C3%A3o-utilizou-/1267092773314122/. Acesso em: 17 dez. 2024.

O DIA da Visibilidade Lésbica, dia 29 de agosto, levanta discussões sobre o combate à lesbofobia, o aumento crescente da violência lesbofóbica e as políticas públicas para essa comunidade. *TVE Bahia*, Bahia, 21 ago. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/tvebahia/photos/o-dia-da-visibilidade-l%C3%A9sbica-dia-29-de-agosto-levanta-discuss%C3%B5es-sobre-o-combat/717396317098588/?_rdr. Acesso em: 28 jul. 2025.

REBS, R. R.; ERNST, A. **Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais**. *Diálogo das Letras*, v. 6, n. 2, p. 24-44, 2017.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. *Bagoas – Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, v. 4, n. 5, p. 18-44, 2010.

ROSA, E. B. P. R. **Cisheteronormatividade como instituição total**. *Cadernos PET-Filosofia*, v. 18, n. 2, p. 59-103, 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTANA do Ipanema: mulher denuncia que foi agredida por ser lésbica. *TV Pajuçara*, Alagoas, 10 jun. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=664dzaub7Ds&ab_channel=TVPaju%C3%A7ar. Acesso em: 22 jun. 2025.

SILVA, Danillo. **Atos de fala transfóbicos no ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SILVA JÚNIOR, Marcos Cesar da. **Trans (vivências) da margem ao centro: as experiências espaciais de mulheres trans e travestis em Três Lagoas-MS**. 2024. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2024.

TRAVESTI é espancada até a morte no Ceará. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 6 mar. 2017. Disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1449131108462133&id=188579854517271&set=a.245770178798238. Acesso em: 5 jun. 2025.

TRAVESTI é presa suspeita de roubo na capital. *TV Norte Paraíba*, João Pessoa, 3 out. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2cPIZP3j3Cg&ab_channel=TVNortePara%C3%ADba. Acesso em: 12 mar. 2025.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. *In*: LOURO, G. C. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82.